

minha família
pode ser
feliz

cleydemir santos

minha família
pode ser  feliz

ultimato 
VIÇOSA|MG

MINHA FAMÍLIA PODE SER FELIZ

Categoria: Aconselhamento / Casamento e Família / Vida cristã

Copyright © Cleydemir Santos 2012

Primeira edição: Março de 2012

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Preparação: Patrícia de Almeida Murari

Revisão: Mariana Furst

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Souto Crescimento de Marca

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORIA ULTIMATO LTDA.

Caixa postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Aos casais que tivemos a oportunidade de acompanhar nos últimos anos, tanto no consultório como na igreja, repetindo sempre a mesma frase: o casamento vale a pena!

Aos casais cujo enlace matrimonial tivemos a honra de abençoar. A cada cerimônia de casamento somos renovados no amor e na esperança de que o que Deus fez é muito bom e o homem não deve separar.

Aos que, apesar de termos feito de tudo para não se casarem, foram mais fortes que nós ao afirmar “toparem qualquer negócio” um pelo outro. Fiquem firme mesmo quando a realidade for diferente do que sonharam no namoro. O único “negócio” que sustenta o casamento é a presença de Deus entre vocês.

Finalmente, a um casal em especial, junto há 58 anos em tantas adversidades e perdas que a vida proporciona: Messias e Menininha – o amor de vocês nos encoraja e alegra. Obrigado pelo modelo de serviço, força e coragem!

sumário

prefácio	9
introdução	13
1. o que falta em nosso relacionamento?	17
2. desafios à intimidade	37
3. greve?	53
4. arco-íris	61
5. onde mora o amor?	69
6. bom seria que o homem não tocasse em mulher	75
7. felizes para sempre	81
apêndice – sou viciado	85
notas	93

prefácio

Falar ou escrever hoje sobre família pode parecer fora de moda. A sociedade pós-moderna do descartável, com suas produções independentes, não tem mais a percepção da família como um núcleo de formação do sujeito. Antes, a vê como um arranjo transitório para a satisfação de algumas necessidades individuais.

Desta forma, ao pensarmos em família, podemos considerar algo no âmbito da utopia; mas ainda se esta reflexão nos direcionar no sentido que vai além da busca da satisfação individual. Lamentavelmente, os que postulam o fim da família na sociedade contemporânea desconhecem que, uma vez que as pessoas foram criadas para viver em relação, elas não conseguem atingir a plena felicidade e realização pessoal a não ser em um contexto relacional, ou seja, em família.

Muito além da “química”, que muitos julgam ser necessária para o início de um relacionamento, os estudos da física quântica mostram que entre dois seres vivos existe uma troca real de

matéria, energia e informação. Em um nível sub-atômico estamos conectados fisicamente uns aos outros em uma verdadeira “teia relacional”.¹ Nas palavras do apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 12: “Somos membros uns dos outros”.

À medida que desenvolvo a compreensão de que o outro é parte de mim, esvai-se a pretensão de qualquer movimento individual. Passo a entender que o casamento e a família são espaços de crescimento e aperfeiçoamento pessoal. É na relação com o outro que eu consigo me perceber de forma mais ampla. A partir desta percepção, posso tornar-me uma pessoa melhor – se me disponho a trabalhar as minhas debilidades percebidas e apontadas pelo outro – ou pior – se me fecho às possíveis mudanças e crio a fantasia de que o mundo conspira contra mim.

Não há ninguém melhor que meu cônjuge para apontar as minhas fragilidades, pois esse apontar tem uma motivação diferenciada: o amor. Porque me ama ele quer me ajudar a ser uma pessoa melhor, e não o contrário disso, como pensam alguns. Todavia, estamos tão entrincheirados em nosso egocentrismo que acabamos entendendo os movimentos de amor de nosso cônjuge como ameaças à nossa integridade e, temendo uma despersonalização, os rejeitamos.

Um cônjuge luta para subjugar o outro, na tentativa de fazê-lo se tornar uma pessoa melhor à força. Usa de jogos manipulativos e sistemas de queixas para obrigar o outro a lhe “fazer feliz”. Os maridos querem se impor por meio de manipulações religiosas, ao se afirmarem como “o cabeça” da relação. E muitos de fato são – “cabeças de bagre”!

Esquecem a única forma de liderança ensinada por Jesus: a do líder servo, que dá a vida em favor dos liderados. Dar a vida não significa apenas morrer no lugar do outro, mas também abrir

mão de algo que me é precioso (como assistir ao jogo de futebol de meu time predileto) para atender uma necessidade de meu cônjuge. Desse modo eu “morro” um pouquinho.

As esposas, por outro lado, buscam se impor por meio de manipulações afetivas e sexuais, distanciando-se dos maridos quando estes não realizam todos os caprichos delas e queixando-se de que não são amadas como gostariam. Elas acabam por fragilizar o relacionamento e, não poucas vezes, empurram os maridos para situações de vulnerabilidade que resultam em envolvimentos emocionais fora do relacionamento conjugal.

Conclui-se que viver uma vida conjugal e familiar em nossa sociedade egocêntrica é um desafio hercúleo, senão utópico. Nas páginas que se seguem, o pastor e psicólogo Cleydemir Santos, com suavidade e desprendimento e no melhor estilo “mineirês” de contar “causos”, vai nos mostrar o oposto: é possível estabelecer um vínculo precioso e permanente com outra pessoa e ainda assim desfrutar de uma vida alegre e plena de realizações.

Ao intercalar situações observadas por meio da experiência clínica com as belas interpretações dos relacionamentos familiares da Bíblia, o autor constrói, com magistral competência, a ideia de que a felicidade depende diretamente do investimento realizado na construção da relação, que é dinâmica e necessita de atenção e cuidados diários. Acrescento o detalhe, para mim muito importante como terapeuta de casais e famílias, de que este casal vive o que escreve.

Boa leitura e boa construção – para aqueles que desejam sair da mediocridade oferecida pela sociedade.

Carlos “Catito” Grzybowski
Psicólogo, terapeuta de casais e de família

introdução

Quando era criança aprendi duas lições com uma única canção. Ela fala dos dedos da mão e também da família. Se a criança já sabia sobre o corpo, aprendia sobre a família. Se já sabia sobre a família, aprendia sobre o corpo:

*Aqui vive alegre um pessoal, família bem original.
Um pai, uma mãe, um irmão, uma irmã,
Neném tão miudinho e gentil!
Que forte é o papai polegar,
Tão boa é a maezinha do lar,
O mano é bem alto
A irmã é menor,
Neném, vamos nós embalar!*

Temos dificuldade de cantá-la hoje, em uma realidade que raramente conta com todos os elementos familiares juntos. Muitos meninos de nossa geração jamais verão um bebê dentro

de casa. Serão filhos únicos, primos de filhos únicos da mesma idade. Quando chegarem a ter um bebê em casa, anos depois, ou na casa da namorada, como é tão comum, terão dificuldade para entender por que aquela coisinha ora cheirosa ora não chora muito ou precisa tanto dele.

Outros vão ficar sem correlação entre o dedo polegar forte e uma figura chamada pai. O elemento com esta descrição dentro de casa está em extinção. A mãe, por sua vez, continua boa, mas não mais do lar.

Nosso desejo neste livro não é dizer que este modelo de família seja o melhor ou que temos de resgatá-lo. Ele é utópico. O que desejo é que acreditemos nos relacionamentos familiares. Quantos elementos devem formar a família não está escrito. Porém, que estejam unidos e persigam o direito de ser feliz. Que toda família crie para si uma utopia a conquistar, em que os valores internos sejam coerentes com a vontade de Deus, mesmo que o modelo seja diferente do da poesia que me ensinaram quando criança.

Que a quantidade de relacionamentos de uma família mude com as circunstâncias, mas não em profundidade. Que a presença física dos pais se ausente por mais tempo que antigamente, mas não haja abandono — explícito ou disfarçado.

Os abandonos são comuns entre cônjuges, pais e filhos. O abandono explícito, declarado, documentado é menos pior que o velado, disfarçado. Eles se dão de tantas maneiras que é difícil catalogar cada um dos tipos de abandono não declarado.

Convido-o a sonhar, a ser utópico a respeito da família e lhe dou um bom motivo: Deus sonha com você. Ou melhor, você vai sonhar com Deus. Pois o maior sonhador com a família que se curte e que desenvolve uma busca utópica e insistente neste

aspecto é aquele que, para formá-la, enviou seu Filho para ser o primogênito de uma grande e utópica família. Nesse contexto, aceitam-se e encontram-se muitos filhos adotivos: os que antes foram abandonados, e agora são recebidos em amor; os que antes estavam perdidos, e foram achados; os que antes eram odiados, e agora são amados. Muitos que já não acreditavam mais, e agora vivem em busca da utopia chamada amor.

Não perdi meu quinhão de sonhador, mesmo que sofra com isso. Acredito que em cada família possa existir um “alegre pessoal, família bem original”, mesmo sem o pai ou sem a mãe; mesmo com filho único, pai único ou com um catálogo estranho de ex-pais ou ex-mães, como nossas crianças colecionam porque adultos perto delas foram práticos demais e utópicos de menos. Continuemos a perseguir *a utopia da família feliz*. Ela começa com o casal. Seja um sonhador, um construtor de utopia em sua casa.

1. o que falta em nosso relacionamento?

O sábio e a melancia

“Um homem caminhava em uma estrada quando deparou com um grupo de moradores de um vilarejo. Eles vinham aterrorizados em sua direção.

Ele parou e perguntou o que estava acontecendo. Todos choravam e, cheios de medo, afirmavam que havia um monstro terrível nos campos de suas propriedades, apontando para ele. Quando o homem olhou na direção indicada tudo o que viu foi uma grande melancia.

Voltando-se para os moradores, indignado, chamou-os de ignorantes, afirmando que aquilo não era um monstro, e sim, uma fruta.

Os moradores insistiram que era um monstro.

O homem, nervoso, acusou-os de estarem mentindo.

Eles o mataram acusando-o de ser louco.

Pouco tempo depois outro viajante, um homem mais sábio, veio na mesma direção. Como no primeiro caso, perguntou sobre o problema. Também viu uma melancia.

No entanto, sua reação foi diferente: com a mão trêmula, tirou a faca da cintura e, com um movimento rápido, correu até o campo, avançou sobre a melancia e cortou-a em vários pedaços.

Os moradores pularam de alegria ao ver seu inimigo destruído. Aclamaram o viajante como líder do vilarejo, posição que manteve até que lhe foi possível mostrar àquelas pessoas a diferença entre um monstro e uma melancia.”

– Autor desconhecido

“Vamos nos separar, não dá para viver assim”

Estávamos indo para um encontro de casais quando ouvimos esta afirmação. Ela é muito comum para nós que trabalhamos com casais, que, por vezes, chegam até nós “depois do caldo entornado”.

Chegamos tarde a um casal amigo de nosso pastor, por exemplo. Eles já haviam conversado e o marido resolveu sair de casa depois de 13 anos de convivência, dos quais sete foram muito bons, segundo ele. O que aconteceu nos seis anos seguintes? Foi a crise dos sete anos ou o número 13, que “dá azar”? Nem dava para acreditar que era o mesmo casal que tempos antes esperava ansiosamente pelo “enfim sós”.

Quase nos sentimos culpados por não termos conseguido atender àquela solicitação antes de se separarem; depois veio a tristeza pelo fenômeno separação estar se tornando “normal”. Não se pode considerar normal o que acontece todo dia só porque acontece todo dia. Comum, sim; normal, não.

Entretanto, a declaração “vamos nos separar, não dá para viver assim” chocou-nos naquele percurso, por se tratar de um senhor de 75 anos. Ele ia para o mesmo lugar que nós e estava sozinho. Perguntamos pela esposa com o carinho de quem pergunta por uma anciã de 70 anos e ouvimos quase com naturalidade:

— Vamos nos separar, não dá para viver assim.

— Assim como? — Perguntamos. Ele não sabia descrever o que havia de ruim no casamento. Porém tinha uma certeza:

— Já passou tanto tempo... Não dá para mudar muita coisa. Não adianta esperar mais.

Refletimos sobre aquele desabafo inesperado, pois a pergunta da noite seria exatamente esta: o que falta em nosso casamento?

Concluímos que o casamento daqueles anciãos estava baseado em uma mentira: “não dá mais tempo, não adianta mais”. Algumas coisas continuavam faltando e percebemos que aquela conversa doeria muito no ouvinte. Porém, ele gostava de nos ouvir e, por isso, foi para o encontro de casais sem a esposa. Não sabemos se voltará outras vezes.

Há um elemento que não falta no início de todo relacionamento: química! Muitas pessoas insistem que não pode faltar química e estão certas. Entretanto, é importante lembrar que só química não faz nenhum casal passar no vestibular do relacionamento. É preciso haver também matemática, para que haja soma de forças e multiplicação de investimento. Quando ela é usada de maneira equivocada, o resultado vem errado. Por exemplo, às vezes somamos as conversas dos amigos do nosso cônjuge e reagimos como se ele pensasse da mesma maneira. Ele nem ouviu a conversa que tanto nos assustou, mas aquilo fez ferver tanto ciúme em nós que o atacamos sem explicar a angústia que sentimos. Misturamos o conteúdo de nossa insegurança com a falta de respeito de algumas piadas que não deveriam ser contadas e projetamos tudo no nosso cônjuge. As frases “homem é tudo igual” ou “mulher é assim mesmo” são o resultado de somas erradas; sinais que, ao longo da vida, foram usados em fórmulas catastróficas.